

**Sair do armário:** As consequências de vestir a transgeneridade enquanto bolsista do PIBID no espaço escolar.

COSTA, Luísa <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este relato de experiência foi construído com base nas atividades desenvolvidas no projeto PIBID, na tentativa de explorar as implicações de, como pessoa trans não visível, se revelar para os estudantes com quem convive enquanto bolsista do projeto PIBID. Tem como objetivo refletir sobre os impactos causados nos estudantes e na autora pela sua saída do armário. Foram utilizados os métodos de observação, construção de diário de campo e desenvolvimento de questionários para obter as informações presentes neste trabalho, assim como a realização de oficinas e rodas de conversa. Refletimos sobre o que significou para os estudantes a presença de uma pessoa trans em uma posição de afeto e como os debates sobre gênero e sexualidade são benéficos tanto para os estudantes quanto para os docentes. Encerramos com a necessidade que hajam saídas do armário nas escolas como forma de transformação e acolhimento daqueles que compõem o espaço escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** iniciação à docência; LGBT+; escola; relações interpessoais.

## 1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência foi escrito de forma a complementar e apresentar novas perspectivas diante de um artigo escrito e publicado pela autora, que explora a relação entre a transgeneridade não vista (Costa, 2023) e a atividade desenvolvida como bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública na cidade de Salvador. Foi pensado sobre o significado de transgeneridade e transfobia, a experiência de uma pessoa que não tem sua transgeneridade reconhecida e validada devido às suas escolhas em termos de apresentação pessoal, sobre como a autoridade como professor não pode ser usada para afirmar sua transgeneridade, e o que significa a presença de um docente trans no ambiente escolar, tanto para os estudantes LGBTs, quanto para os cisheterossexuais.

---

<sup>1</sup>Bolsista no projeto PIBID Interdisciplinar História - Ciências Sociais, UFBA, Campus São Lázaro, luisamattosnc@gmail.com.

Como breve contexto, este resumo foi desenvolvido por uma pessoa trans não-binária (Bonassi, 2022), que escolheu não realizar alterações associadas a transgeneridade em seu comportamento, vestimenta, ou corpo, alocada em uma escola pública na cidade de Salvador, como bolsista pelo PIBID, com sua entrada pelo edital do ano de 2022. É importante ressaltar que a autora é oriunda de uma universidade pública, e que sua licenciatura é na área de Ciências Sociais.

Exploremos essa primeira sentença. Existem duas implicações presentes nela. A primeira, de que como pessoa trans, a autora enfrenta o preconceito e transfobia presentes na sociedade brasileira (Sánchez-Fuentes *et al.*, 2021), e que como indivíduo, teve sua construção interna e formação de relações interpessoais diretamente afetada pela presença dessa violência (Bento; Xavier; Sarat, 2020). Da mesma forma, como pessoa trans que não apresenta marcadores sociais de transgeneridade, raramente é reconhecida como trans, e quando reconhecida, não tem esse aspecto de si validado, a fazendo, assim, uma pessoa trans não visível (Costa, 2023).

Em segundo lugar, temos o PIBID. O Programa de Iniciação à Docência, que leva licenciandos a escolas públicas para acompanhar em sala de aula o trabalho de professores da área na qual estudam. Os bolsistas ingressam através de processo seletivo, sendo instruídos e responsáveis por coletar dados para realizar projetos na escola, assim como apresentação de trabalhos sobre sua experiência.

Como programa, ele aloca os estudantes de licenciatura em um lugar muito específico, uma posição cambiante de professor, estudante, nenhum dos dois, e os dois ao mesmo tempo. Esse constante devir situacional põe o bolsista muitas vezes em uma situação de fragilidade e incerteza, principalmente no que tange suas relações interpessoais, tanto com estudantes quanto com o corpo docente e técnico, quanto seu lugar enquanto autoridade.

Exploramos em nosso artigo anterior (Costa, 2023) os dilemas decorrentes de, como pessoa transgênera não visível, se abrir para os estudantes sobre sua identidade, mesmo diante da possível violência que pode ser sofrida, bem como a impossibilidade do uso desta autoridade inconstante para garantir sua aceitação como pessoa trans. Não mergulhamos, porém, no que isso significa para as relações para com os estudantes.

Neste resumo, portanto, nos propomos a analisar as consequências da saída do armário<sup>2</sup> na construção de relações interpessoais com os estudantes, e nos estudantes em si.

## **2 METODOLOGIA**

Os bolsistas do PIBID UFBA projeto interdisciplinar Sociologia-História são orientados e ensinados em oficinas a coletar dados sobre os estudantes e sua presença na escola, a partir do método da observação (Barton; Ascione, 1984 apud Belei et al, 2008) e da elaboração e aplicação de questionários na escola estadual no qual foram alocados. Apesar de a escola abarcar o ensino fundamental, médio e EJA, devido à carga horária do professor supervisor, as aulas frequentadas e, por consequência, os dados coletados, correspondem apenas ao ensino médio.

A observação como processo, permite a construção de reflexões, através do registro mental daquilo que é mais importante (Barton; Ascione, 1984 apud Belei et al, 2008) durante a presença na escola. A partir da observação, foi construído o diário de campo (Campos; Silva; Albuquerque, 2021), onde foi registrado na forma escrita aquilo que ocorreu e as reflexões tiradas disso, garantindo um processo de constante reflexão e preservação dos acontecimentos presenciados.

Além da presença em sala de aula como observador, a bolsista estruturou questões, utilizando como base o Guia de elaboração e revisão de itens, publicado em 2010 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), de forma que suas questões seguissem modelo utilizado em avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Estas, em conjunto com questões desenvolvidas por seus colegas bolsistas, compuseram um questionário com o intuito de mapear o conhecimento dos estudantes sobre as temáticas das oficinas que seriam realizadas, de forma que cada bolsista pudesse compreender qual era o conhecimento prévio dos estudantes sobre o tema escolhido para cada uma de suas oficinas,

Os dados obtidos permitiram aos bolsistas organizarem as atividades desenvolvidas. Além disso, esses dados, acompanhados dos resultados das

---

<sup>2</sup> Sair do armário é uma expressão que significa assumir sua identidade como LGBT (Assis; Mareco; Passeti, 2014), e no caso da autora que, devido a suas escolhas de apresentação pessoal, não é automaticamente percebida como trans, pode ser usado para descrever sua experiência.

atividades, são e serão utilizados durante e no fim do período de um ano e sete meses na criação de artigos, resumos e apresentações, para o compartilhamento do conhecimento adquirido durante o programa.

As atividades realizadas pelos bolsistas foram uma oficina, cujo tema foi fornecido pelo supervisor de cada núcleo, realizada em outubro de 2023, e rodas de conversa com diferentes temáticas, realizadas em novembro de 2023. Os temas escolhidos pelos bolsistas do núcleo do qual a autora faz parte para as rodas de conversa foram “Posse e porte de armas de fogo” e “Gênero e sexualidade”.

Os eventos descritos neste relato foram baseados nos ocorridos decorrentes da segunda roda de conversa: “Gênero e sexualidade”.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como pessoa trans não visível (Costa, 2023), existe uma hesitação no ato de se apresentar como uma pessoa trans, diante da possibilidade de violência contra pessoas trans presente na sociedade brasileira (Xavier; Vianna, 2023). O risco de ter sua identidade negada (Costa, 2023) ou simplesmente ser relegada ao ostracismo (Xavier; Vianna, 2023), devido a seu lugar como pessoa trans, é real, e para um indivíduo em um lugar tão frágil quanto a bolsista, quebrar os laços criados com os estudantes na escola na qual está posicionada é não apenas profundamente prejudicial para o seu trabalho como acompanhante em sala de aula, mas nocivo para sua saúde mental. A dor de perder alguém por assumir sua identidade e escolher viver a vida nos próprios termos é violentamente destrutiva.

A oportunidade de sair do armário surgiu para a bolsista, porém, na já citada roda de conversa realizada com o terceiro ano do ensino médio e alguns estudantes do segundo ano do ensino médio, sobre gênero e sexualidade. Dividida em duas partes, realizadas em dias diferentes, a roda teve como objetivo uma introdução clara e concisa sobre diversidade sexual e de identidade, visto que foi identificada por bolsistas (e corroborado por estudantes, mas falaremos sobre isso mais tarde) a ausência de debates sobre tal temática na escola.

Em certo ponto, na roda de conversa, para explicar a identidade não-binária e como identidades trans não implicam necessariamente em mudanças de comportamento ou vestimentas do gênero que lhe foi associado ao nascimento

(Costa, 2023), a bolsista se apresentou como exemplo. Em parte, aquele momento não deveria ser tão assustador para a autora, visto que o terceiro ano se apresentou como uma turma apática e com dificuldade em criar laços, resultando em um distanciamento da bolsista com essas pessoas.

O pequeno grupo do segundo ano que presenciava a roda de conversa, por outro lado, era composto pelos estudantes que, após certa desconfiança, acolheram a bolsista e criaram laços mais fortes com ela. Ao mesmo tempo eram, declaradamente, a turma mais conservadora, que segundo relatos, já haviam apresentado um certo desdém quanto ao uso de pronomes neutros, marcação gramatical associada a pessoas não-binárias (Bonassi, 2022). O grande ponto dessa narrativa extensa é pensar, especificamente, em duas reações de estudantes, aqui denominados E1 e E2, ao tema da roda de conversa e ao posicionamento da bolsista, que, para nós, assumiu o caráter de revelação.

Apresentadas em ordem não cronológica, iniciamos o relato com um dos estudantes do segundo ano que estava presente na sala. Após relatar sobre a violência sofrida por pessoas LGBTQs, como o fato que em 2022, a cada 32 horas uma pessoa LGBTQ era assassinada, e que a maioria dessas pessoas eram Travestis ou mulheres trans (Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQ+ no Brasil, 2023), o estudante E1, um jovem autodeclarado cristão, veio conversar com a bolsista. Apesar de se autodeclarar cisheterossexual, relatou que se compadecia com a dor relatada pela autora, e queria lhe falar, que no fim do dia, independentemente de suas trajetórias: “Deus te ama e sempre estará lá para você” (E1, diário de campo, 2023).

Existe a possibilidade de interpretar tal fala como um ato de insensibilidade, uma tentativa de converter uma pessoa tomada pela dor em uma fiel a uma determinada religião. Não aceitaremos tal interpretação, e preferimos olhar mais profundamente este momento.

Podemos ver, em tal situação, uma noção de cuidado que, ao mesmo tempo, representa a aceitação pregada por uma religião, e que interage com um limite estabelecido por ela. É importante notar que diferentes atores das teologias cristãs assumem diferentes posicionamentos diante da população LGBTQ. Não é possível afirmar qual forma de exercer a fé é a de E1. Porém, compreendemos sua fala como

um ato de compaixão e carinho; a escolha de ouvir uma pessoa com uma experiência diferente da sua, empatizar com ela, e através das ferramentas que se tem acesso, oferecer o apoio e suporte que acreditou necessário para aquele em sofrimento.

A segunda fala, ocorreu logo após o encerramento da roda, onde um estudante do terceiro ano, E2, notavelmente quieto durante todo o ano letivo, veio à bolsista para agradecer pela realização daquele momento, explicando que era bissexual, e que: “[...] me senti muito representado por isso, aqui na escola a gente nunca fez nada do tipo” (E2, diário de campo, 2023).

A fala de E2 representa um sintoma da escola retratada por Junqueira (2013) ao descrever a instituição escolar como um espaço onde a estrutura cisheterossexista da sociedade se manifesta através de todos os seus agentes, sendo reforçada no ambiente escolar, reproduzindo e perpetuando a ideologia recorrente da sociedade brasileira, dominada pela LGBTfobia e violência contra minorias.

Por outro lado, entendemos que, na medida em que se fazem presentes no espaço escolar mecanismos de desconstrução de normalizações e de padrões únicos estabelecidos, abrem-se possibilidades de deslocamentos e de outras experimentações nas relações interpessoais, como afirma Junqueira (2013, p. 494).

A escola é um espaço onde o naturalizado e tido como incontornável pode ser confrontado por pedagogias dispostas a promover diálogos, releituras, reelaborações e modos de ser, ver, classificar e agir mais abertos e criativos. Um local onde podemos buscar inventar formas de conviver, ensinar, aprender, em favor da reinvenção e a dignificação da vida. A democracia e a educação de qualidade dependem disso.

Acreditamos que a experiência relatada acima pode ser tomada como exemplar, que produz um duplo efeito, na medida em que permite a experiência formativa transformadora, de conhecimento, crescimento e cuidado, tanto para estudantes, quanto para bolsista, ocupando o lugar de docente.

É imperativo reconhecer que o debate sobre gênero e sexualidade é particularmente recente no espaço escolar, sendo recém e gradativamente introduzido nos livros didáticos (Castro, 2019; Limoeiro, 2017 apud Lima, 2021). Não pode ser negado o retrocesso visto no mandato do Ex-Presidente Jair Bolsonaro,

que tinha como pauta de seu governo o silenciamento de debates como estes. Um grande exemplo foi o encerramento do Departamento de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (DPLGBT), em 2021 (Nomura, 2022). Movimentos com este, porém, não são novos diante do cenário ideológico que vivemos em nosso país, e são e serão confrontadas pelas ações tomadas por docentes LGBTs e Cisheterossexuais em todo país para a realização de um processo de inclusão e desconstrução de tais pensamentos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Houve diferentes reações a roda de conversa citada e o posicionamento da bolsista, porém escolhemos as duas que, para nós, se destacaram mais e deixaram marcas mais profundas. As reações de cuidado e de aceitação não mudam o fato de que houve em outras pessoas ações de desdém, descrença ou de simplesmente apatia.

Reconhecemos, porém, uma necessidade que esses debates e saídas do armário ocorram, pois, o que pode ser percebido nas duas falas exploradas, é a importância de tais ações, tanto para estudantes cisheterossexuais assim como LGBTs. A possibilidade de estas pessoas se identificarem com indivíduos com os quais criaram laços afetivos, ou, simplesmente, se encontram em posição de autoridade e de sucesso profissional, permite um contato mais próximo com a questão trans, o que inspira um cuidado já implícito na relação, antes da saída do armário. A presença de pessoas trans nestes espaços também se apresenta como uma possibilidade de uma vida segura e estável, algo negado a tantas pessoas trans.

Por fim, não podemos deixar de falar sobre o impacto que as reações relatadas tiveram na bolsista. Depois de todo um artigo escrito sobre seu medo de sair do armário e das consequências disso para suas relações com os estudantes, aspecto essencial de uma docência saudável, poder se assumir como trans e experimentar atos de cuidado e empatia, e saber que sua ação representou para outras pessoas LGBTs a possibilidade de ser acolhidos e se sentirem representados é de uma satisfação imensa.

Esse relato de experiência, assim como qualquer outro, é uma possibilidade de, como indivíduo, elaborar sobre suas experiências vividas e compreender elas sobre um novo ângulo, assim como compartilhá-la para aqueles que nunca terão a oportunidade de passar por ela, mas também para aqueles que viverão exatamente o que se é descrito por ele.

A estas pessoas, não podemos garantir reações tão positivas quanto as experienciadas pela bolsista, nem o acolhimento ou o cuidado que nos foi oferecido. Não se pode negar que, apesar de em um lugar de fragilidade em certos aspectos, o risco corrido por ela não envolvia sua vida profissional como um todo ou sua possibilidade de sobrevivência. Isso significa que cabe a cada pessoa que vive essas circunstâncias avaliar o espaço no qual se encontra, e como fazer a escolha de se expôr dessa forma pode afetar sua vida.

Este relato, porém, busca fornecer um pouco de esperança para aqueles que desejam assumir quem são e abrir para aqueles ao seu redor sua identidade. Os riscos são grandes, mas as recompensas também são. Que possamos, diante de um mundo que nos renega, violenta e ostraciza, encontrar pessoas que, mesmo com os limites estabelecidos, nos ofereçam cuidado, e fornecer para aqueles que não podem fazer a mesma escolha que nós o acalento de ver seus pares em situações de segurança e saber que um dia eles também poderão estar nelas. Aos poucos, o mundo não será mais um onde é necessário se esconder. Mas até lá, que compartilhemoss nossas pequenas grandes vitórias.

## **5 AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES, e do Colégio Estadual no qual a bolsista é estagiária. Agradecemos a estas instituições pelo financiamento e pela oportunidade de estar nos espaços sem os quais tais reflexões não seriam possíveis. Agradecemos também a nossa mãe, sem quem não conseguiria escrever este trabalho. Acima de tudo, agradecemos aos estudantes do colégio, pelo cuidado e compreensão, e a possibilidade de conhecer cada um de vocês em sua potência.

## **REFERÊNCIAS**

ASSIS, A. W. A. de; MARECO, R. T. M.; PASSETTI, M. C. C. A EXPRESSÃO “SAIR DO ARMÁRIO”: TRAJETO TEMÁTICO EM TORNO DA FÓRMULA DISCURSIVA.

**Polifonia**, [S. l.], v. 21, n. 29, 2014. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/499>. Acesso em: 05 mar. 2024.

BELEI, R. A.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; NASCIMENTO, E. N.; MATSUMONO, P. H. V. R. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa.

**Cadernos de Educação**, n. 30, 2008. Disponível em:

<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/5198>. Acesso em 05 mar. 2024.

BENTO, N. M. DE J.; XAVIER, N. R.; SARAT, M. Escola e infância: a transfobia rememorada\*. **Cadernos Pagu**, n. 59, p. e205911, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.1590/18094449202000590011>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/xCs6X8XvktzLTCzDFsVyggqR/?lang=pt#>. Acesso em: 05 mar. 2024.

BONASSI, B. Como ser algo que não existe. **Revista Temporis[ação]**, v. 22, n. 02, p. 18, 1 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.31668/rta.v22i02.11926>. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/11926>. Acesso em: 05 mar. 2024.

CAMPOS, J. L., SILVA, T. C., & ALBUQUERQUE, U. P. Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar. In: ALBUQUERQUE U. P. et al (org.) **Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia**. Recife: Nupeea, 2021. p. 95-112.

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Revista Retratos da Escola**, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em:

<http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 05 mar. 2024.

LIMA, L. O. De. **Normas de gênero, violência transfóbica e educação: situações e desafios nas relações de gênero no Brasil**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/24069>. Acesso em: 05 mar. 2024.

NOMURA, B. Retrocesso e sucateamento: a política LGBTI+ do governo Bolsonaro. Diadorim, 27 out. 2022. Disponível em: <https://adiadorim.org/reportagens/2022/10/retrocesso-e-sucateamento-a-politica-lgbti-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em 23 mar. 2023.

OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+. Dossiê denuncia 273 mortes e violências de pessoas LGBT em 2022. *In: Observatório de Mortes e Violências Contra LGBTI+*. 8 maio 2023. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SÁNCHEZ-FUENTES, M. del M. et al.. Transphobia and gender identity: social representations of trans women from Brazil and Colombia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 11, p. 5793–5804, nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.33642020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/gqNtGDYmKVBjpMkpmGCM6PF/?lang=en>. Acesso em: 05 mar. 2024.

XAVIER, T. P. de O.; VIANNA, C..A Educação de Pessoas Trans\*: relatos de exclusão, abjeção e luta. **Educação & Realidade**, v. 48, p. e124022, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124022vs01>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/g8MwFhhYPQktwdH6tn737Dk/?lang=pt#>. Acesso em: 23 mar. 2024.